

VILÉM FLUSSER

Certos termos caracterizam épocas, por exemplo: "virtude" caracteriza o século 16, "natureza" o século 17, "razão" o século 18, "progresso" o século 19. Sugiro que podemos caracterizar a nossa época pelo termo "programa". O leitor desconfiado poderá objetar que devo indicar o critério da minha escolha dos termos. Um critério possível seria a frequência do termo em textos. O termo "virtude" é muito frequente nos textos renascentistas, e pouco frequente nos textos da atualidade. Mas o leitor poderá objetar que a frequência não indica a importância de um termo. Um termo frequente é redundante, pouco informa. Admito. Confesso que escolhi o "programa" um pouco a esmo para caracterizar a atualidade. Que o leitor julgue, no fim do artigo, se consegui abrir perspectivas interessantes.

Cinemas têm programas. Excursões de fim de semana são programadas. Indústrias realizam programas. Partidos políticos afirmam que têm programas. O governo elabora programas. Não tenho programa para esta noite: estou livre. Que é isto, pelo amor de Deus? Que significa esta invasão furiosa de programas na minha circunstância, essa programação do meu mundo? Perda de liberdade. Degradação de dignidade. Transformação do homem de existência livre em ser programado. Mutaçãõ do ser do homem. Superação ontológica do homem. Escatologia, apocalipse, plenitude dos tempos. Futuro programado, portanto futuro previsível. Fim da história, advento do paraíso na Terra. Que é programa? Tomemos um computador como exemplo. É um ser programado. Tem uma determinada estrutura. Sobre ela incidem informações que são captadas pela estrutura. Depois são armazenadas na memória para referência futura. Constituem o repertório do computador. Estrutura e repertório são o seu programa. As informações armazenadas constituem os elementos com os quais o computador joga, e a sua estrutura constitui as regras do jogo. Provoco o computador com uma pergunta. O computador responde submetendo o seu repertório ao jogo da sua estrutura. Dá resposta programada. Resposta previsível. Tivesse eu a mesma memória e a mesma estrutura, teria dado exatamente a mesma resposta. Não há surpresa. Não há surpresa porque o computador não pode escolher entre respostas. Não tem liberdade. Funciona programaticamente. É um instrumento. Exatamente como eu. Tenho uma determinada estrutura. A saber: a cultura dentro da qual me encontro. Sobre ela incidem informações, por exemplo sentenças que leio ou ouço. Capto essas sentenças para armazená-las na memória para referência futura. Constituem o meu repertório. Minha cultura e minhas informações são o meu programa. As informações armazenadas constituem os elementos com os quais joga, e a cultura fornece as regras, (as "normas", os "valores"), do jogo. Algo me provoca, por exemplo um anúncio de dentifício com clorofila. Respondo submetendo os meus elementos ao jogo das minhas regras. Compro o dentifício e escovo os dentes. Dou resposta programada. Resposta previsível. Não há surpresa. Os programadores da propaganda da pasta de dentes previram a minha resposta. Os computadores que programaram a propaganda da pasta de dentes previram a minha resposta. Não posso escolher entre respostas. Não tenho liberdade. Funciono pro

VILÉM FLUSSER

gramaticamente. Sou instrumento programado, inclusive por computadores. Sou funcionário de um programa.

Isto é um fato que pode ser facilmente comprovado. Todos os programas que me cercam calculam com exatidão crescente as minhas respostas futuras. Calculam com computadores. A fábrica de sapatos calcula quanto sapatos comprarei, as exposições de arte calculam de que quadros gostarei, e as igrejas calculam quando e de que forma procurarei o caminho de Deus. Mas não é apenas isto. Os programas que me cercam não apenas calculam as minhas respostas, mas provocam as minhas respostas. A fábrica de sapatos não programa a sua fabricação em função do meu programa, mas modifica o meu programa em função do seu. Devo gastar quatro pares de sapatos ao ano: pois a fábrica me programa de acordo. O meu programa não é o ponto de referência dos programas que me cercam. O meu programa é, pelo contrário, função dos programas que me cercam. Em outras palavras: os programas não me oferecem o que quero, mas quero o que os programas me oferecem. Não tenho vontade própria, não sou livre. Sou funcionário de programas alheios, sou instrumento. Não sendo livre, não surpreendo. Sou previsível. A história, (como fluxo de acontecimentos surpreendentes e imprevisíveis), está superada. Funciono em situação post-histórica, em situação messiânica, estou no paraíso.

A falta de surpresa, a falta de um futuro não programado, é insuportável. O paraíso é insuportável. Causa tédio e nojo. Devo rebelar-me. Posso rebelar-me? Creio que posso. A sensação de tédio e nojo que os programas me causam é prova vivencial que não sou totalmente programado. O meu tédio e nojo não foram programados. Não estão no programa. Provam que não sou apenas um instrumento. Que não me confundo com computadores. Os computadores não sentem tédio nem nojo. Funcionam portanto muito melhor que eu. Sou mau funcionário, se comparado com computadores. Por ser mau funcionário, posso rebelar-me. O mau funcionamento dos programas é a esperança de uma história continuada, porque abre espaço para a rebelião contra todos os programas. O mau funcionamento dos programas é o espaço da liberdade na atualidade. Sou livre enquanto funciono mal, e enquanto funcionam mal os programas. Saberei manter aberto esse espaço? Saberei opôr-me ao aperfeiçoamento dos programas? Estas são as perguntas que demandam o futuro. Das suas respostas dependerá se haverá futuro.